

Artimanha da arte minha

II

Ronaldo Aparecido Silva

Ronaldo Aparecido Silva

Artimanha da arte minha II

1ª edição

Juiz de Fora / Minas Gerais

Edição do Autor

2017

Amar não é aceitar tudo. Aliás, onde tudo é aceito, desconfio que há falta de amor.

Vladimir Maiakóvski.

Há sempre alguma loucura no amor. Mas há sempre um pouco de razão na loucura.

Friedrich Nietzsche.

Prefácio

Não cessam as musas. A inspiração é uma musa assanhada a desfilar frente aos meus olhos que inflama e encanta meu coração e o que faço é apenas transformar isso em arte. *Artimanha da arte minha II* é prova disso. Mais uma coletânea de textos de temas e formas diversos. Tudo retratando fases de minha vida, estados de meu Espírito.

Interessante como valoramos mais a foto amarelada pelo tempo que as mais atuais, na verdade gostaríamos de saber o que sentíamos naquele momento, ou o que sentiam as pessoas da foto, naquele exato momento. Quando escrevo, sinto um pouco desse artista que não fotografa apenas o corpo, mas que retrata a alma em cores, em detalhes com o requinte do estouro de uma boiada, ou de uma barragem... Sonhos, sentimentos, emoções, decepções, realizações, perdas vem como enxurrada escrevendo versos, formando estrofes, e resultam em formas disformes, na loucura de imagens, sons e cores.

Aqui, aproveito para agradecer o Criador, que fez esse poema que é o mundo e suas espécies e que me deu essa capacidade de descrever frações desse poema e tocar a alma dos que lêem. Assumi esse dom como uma missão. Por muito tempo ficou tudo engavetado, justo por causa de minha personalidade, normalmente muito amarga, eu temia não agradar com aquilo que tenho como minhas verdades, mas controversa e felizmente eu fui surpreendido. Também não devo esquecer os meus incentivadores, admiradores de minhas obras, que talvez, por ser tão simples, sofisticou-se na mente daqueles abominam o tecnicismo, não descarto a possibilidade de, às vezes, eu ser técnico ao escrever, mas não é uma incidência que procuro, é pura intuição!

Foram muitos cafés, cigarros e noites às claras, hoje nem fumo mais e isso mostra a dinâmica da vida, por isso ela é fascinante e por tudo isso eu agradeço a minha família pelo incentivo e por tolerar meus desassossegos por tantos anos, por sempre deixar meu café pronto. Há muitas maneiras de se mostrar amor.

O autor.

Aos traidores... os desequilíbrios!

Apenas meus traidores conheceram minha destemperança,
Somente meus traidores tiraram-me as esperanças,
Apenas meus traidores conheceram esse meu lado escuro.
Nem as homéricas ressacas fizeram-me vomitar,
Nem meus inimigos conseguiram o meu desequilíbrio,
Apenas os traidores...
Apenas os “traíras” e seus dentes de dilacerar.
Tubarões anfíbios, surpreendentes,
De repente, simplesmente, traem, saltam do mar para a Terra,
Abocanham o coração desavisado
E se recolhem, covardemente, nos seus habitat inacessíveis.
O dom de trair é nato, talvez até missão, pois desdenham tanto!
Exaurem-se em expectativas de promoções, no egoísmo e no “zumbismo”.
E frases de espanto remetem ao nome Brutus,
A surpresa faz-se presente e a desconsideração impera.
Silvérios, Judas, Dalilas e os meus...
Almas serpentes! Almas serpentes!
Com todo respeito aos venéficos répteis.

Assumir-se.

Não queiras deitar entre plumas,
Não esperes acordar na maciez,
Não deixes por razão nenhuma,
Quem por tanto sonhar te fez.

A tua fuga te leva aos braços da morte,
Os ninhos são feitos de duros gravetos,
Os caminhos são percorridos por sorte,
E o destino traçado pelos teus amuletos.

Quanto mais longe de teus reais desejos,
Mais terás corroída a tua essencialidade,
Quanto mais te entregas a tão falsos beijos,
Mais te afastas de ti e de tua verdade...

“Os covardes morrem por mais de uma vez,
Os bravos, com dignidade, morrem uma vez só.”
(William Shakespeare)
Não estamos aqui para sermos a rês,
Que a tudo abandona para um pastar melhor.

Esteja motivado a passar por tuas provações.
(Tiago 1:2)
Tudo ser-te-á provas: escolhas, lutos e festas,
Mesmo o teu convincente rei montado nas razões
Sentirá o insustentável e falso reino que lhe resta.

Da verdade não se foge entre cortinas de magia.
Verdade é a cartola donde almas pombas surgem.
As mágicas se fazem nos terrenos da ousadia,
A mágica mais linda é o amor de além nuvens.

O que se perpetua é a busca pela transcendência,
Porém há coisas das quais os homens correm,
Paixões, dores, falsos amores, solidão, demência,
Mas pelo verdadeiro amor vivem, lutam e morrem

Não há um véu de poder tamanho que cubra
O amor que de tão antigo pelas eras vagueia.
Não há feitiços, quebrantos ou até diabruras,
Que delete o amor que o etéreo incendeia.

Não te curves ante o erro que te escraviza,
Nem te reduzas a um ser tão repugnante!
Sinta primeiro o que o teu coração precisa,
Do amor verdadeiro ou de juras farsantes?

E se insistes em te manteres assim,
Na dor solitária de incólume resistência,
Será tão triste o aproximar do teu fim,
E irás lamentar tua infeliz existência...

Vocábulos.

“Tudo faz sentido, se inserido num contexto. Ao olhar-se, o homem torna-se apenas o vocábulo homem e só fará sentido ao ser ladeado pelo vocábulo fim.”

Confidências astrais.

Às vezes eu contemplo o sol e vem-me a vontade de pedir para que ele pare. Uma louca vontade de contrariar Copérnico e facilitar esse sobrestamento, que tanto desejamos quando aproxima-se o final.

Mesmo crendo que sempre haverá recomeços...

Ah, Rei Sol, eu estou te culpando de tudo, como se tu fosses a materialização do tempo, então eu te imploro que pare, que me deixes buscar os meus arrependimentos e rever meus devaneios e loucuras.

Amigo Sol, diga a irmã Lua que aguarde um pouco...

Quero recolher os meus erros e me questionar se são ou não dignos de arrependimentos...

Ou serão apenas erros performáticos e característicos de mortais aprendizes?

Eu fiz o que me satisfazia e isso pode ser egoísmo ou por outro lado poderia eu estar primeiro me amando, para depois me dar aos outros.

Podem ser tantas coisas...

Mas se o tempo teimar em ser tão impassível assim, não poderei chegar a uma conclusão.

Aqui na Terra, tudo é tão dúbio!

Estamos sempre à procura de quem ou o que culpar, e eu estou contrariando as normas e pedindo-te, ó Rei Sol, que assumas, como um expert jóquei, as rédeas do tempo e puxe-a e deixe-me mirar e fotografar meus momentos de insensatez, num raro instante meu de reflexão.

Quero que minha consciência, ainda nessa existência, formule o meu libelo acusatório, para que eu possa seguir e não pecar mais...

Acima de minha consciência há um Deus justo, misericordioso que perdoa e nos manda ir e não mais ofendê-lo, existe um Mestre que amou a todos nós, indistintamente, a ponto de entregar Sua vida.

Eu quero, Rei Sol, ter a oportunidade de saber em que ofendi o meu Deus e voltar para aula ciente de que preciso estudar mais.

Sei que estás parado, ó Rei Sol, como manda a Lei Natural, que és, como eu, apenas frações de átomos da vontade divina.

E o tempo se faz naqueles relógios automáticos, uns de titânio, outros de ouro, outros nem tanto, em que metaforicamente, se resumem as nossas vidas, somos números, ponteiros, despertadores, movimentos harmônicos e precisos, uma engrenagem perfeita...

Seguem-se os necessários mistérios...

Sempre, alguma coisa que não vemos estará criando relógios automáticos e, eternamente, dando-lhes corda e deixando-lhes marcarem as suas horas.

Obrigado, Astro Rei, por nesse fim que se aproxima, seres meu confidente e por me mostrares quão efetivas e incomparáveis são as obras de Deus e por me fazeres entender que dentre essa infinitude de mundos, eu apenas marco horas.

Teatro de operações.

“Às vezes quando entendemos que a vitória está perdida, pode ser-nos o recuo que necessitamos para planejarmos um outro avanço, onde sem dúvidas, não mais abriremos tanto a guarda.

Guerras aferem o animus dos guerreiros, mas sempre haverá os que precoce e sorrateiramente delas se debandam. Nas próximas, há que sermos mais estratégicos e menos emocionais. Batalhas são jogos de se jogar com ilações, ataques às fraquezas e muita frieza, eis que jamais serão vencidas com sonhos.

-Ali sim cessam-se as musas e sucumbem-se as belezas, ali, longe dos aplausos, jazem os poetas.”

Frustrante!

“Para certas agruras e agouros não deveria haver um “tente outra vez” e sim um eficiente radar que não apenas detectasse a ameaça, o perigo, mas que já exterminasse o invasor antes de suas malditas conseqüências.”

A poesia.

A poesia exhibe versos
Da realidade dispersos,
Dos sonhos porta voz.
Em devaneios imersos,
É do mundo o reverso,
Às vezes a sua algoz.
A poesia tritura
Os arrimos da criatura
E organiza sua persona.
A poesia se escritura,
Nas lambadas de amarguras
Faz as rimas virem à tona.

A poesia é instrumento
De livrar os sentimentos,
De extravasar a emoção.
A poesia é lamento,
É por fim um livramento,
Do dolente coração.
A poesia é magia,
Das palavras é um guia
À busca de uma rima.
Ela expressa rebeldia,
A tristeza ou alegria:
É limão, laranja ou lima.
A poesia tem o ritmo
Dos movimentos marítimos,
A beleza de todas as flores!
A poesia revela o íntimo
Do ardor louco e legítimo,
Que se revelam em amores.

O poeta é o carpinteiro,
Que forja o rude madeiro
E transforma em lindas peças.
O poeta é verdadeiro
E de coração inteiro,
Poeticamente, se expressa.
O poeta é o tradutor
Das alegrias, da dor,
Psicograficamente.
O poeta é o semeador,

É o vento espalhador,
De inusitadas sementes.

O poeta é a poesia,
Mágico e magia,
Em tantos palcos pelo mundo!
O poeta não se sacia
Com o delírio que irradia,
Os quereres mais profundos.
Quando leres qualquer texto,
Seja poema, prosa ou poesia,
Não te esqueças do contexto,
Não te prendas às normas frias.
Embrenha-te com o pretexto
De perceber dentro do cesto,
Não a casca, mas o todo da iguaria.

Presente.

Veremos que nem tanta graça há no que vislumbramos,
Veremos que tudo está num script que nós mesmos formulamos,
Veremos que nada é extraordinário...
Veremos que idealizamos o que não percebemos
e por isso desejamos tanto...!
Veremos que jamais estivemos sozinhos,
Veremos que anjos alados e depenados se nos apresentavam oportunamente,
Veremos que por fim descobrimos não existir coincidências e “por acaso”.
Veremos que a vida é um caminho tortuoso e somos um ébrio nele a nos
desequilibrarmos com os indômitos bafejos.
Veremos que vive quem está atento ao aprendizado e se depura.
Veremos a importância de cada tombo, de cada muro chapiscado no
caminho...
Veremos que as raras desnecessidades nos emperram, nos acomodam.
Veremos que tudo ocorre em nós mesmos.
Veremos que no pote depois do arco-íris só há ouro, não valores...
Veremos que revezaram-se sóis e luas e que freqüentamos os domínios da
morte e as graças da vida.
Veremos, tardiamente, que a jornada é que conta e que nela faltou-nos tal
reconhecimento...
Veremos por fim e, mais resumidamente, que tudo é como um guri saindo do
conforto de casa e indo para escola...
Veremos que somos espíritos matriculados nesse Planeta Escola e o evento
morte é o nosso passar de ano e que o ano escolar é o tempo de Deus.
Veremos que o importante não é só respondermos a chamada.

Jamais silenciem os sinos.

(Resposta ao "Por quem os sinos dobram?")

Os sinos tocam para a morte e para a vida.
Os sinos anunciam as horas, mormente as dos "Angelus"...
Os sinos provocam revoadas...
Tangem o tempo dos homens...
Os sinos dobram em homenagens,
Louvam e alegam qualquer ermida
Qualquer esquecido lugarejo...
Os sinos são sinais sonoros de vida,
Ecoam em notas que parecem rasgarem o firmamento.
Parecem comandos às legiões de Anjos,
Que se aprontam, para suas terrenas demandas.
Os sinos ressoam alegrias, às vezes tristezas,
Tal e qual a vida.
Penetram como alertas nos incautos tímpanos humanos,
Às vezes os emocionam,
Às vezes os fazem parar e refletirem,
E por fim, sensatamente, agradecerem...
O silêncio dos sinos paralisam os instantes...
Nem ladram os cães, nem oram os fiéis, nem abrem-se as portas..
Quando silenciam-se os sinos
Ou celebra-se a Paixão ou é morte do sineiro...
O silenciar dos sinos traz tristezas...
E ensurdece,
Pois dão lugar aos gritos das consciências,
Quão ótimos são os seus estridentes badalos!
E quão esperado são os seus acionamentos!
Os sinos são as vozes dos fiéis,
Os sinos são "dedos de prosas" com Deus,
São até despertadores.
Os sinos ligam a terra aos céus.
Em brados de súplicas e reverências,
Na verdade, os sinos anunciam o triunfo,
Da Luz sobre as trevas, do Bem sobre o mal!
Com sua cadência nos lembram o prometido:
"Cristo... triunfante... vai voltar
Cristo... triunfante... voltará..."
Que assim soem todos os sinos
E que assim todos os homens os ouçam!

***“Ansiedade é o querer
ante a certeza do quê
e a incerteza do quando,”***

É o assaz e incontrolável
querer a tudo realizar antes da
irremediável morte.

A alma é o caldeirão efervescente
dos instintos, sentimentos e
emoções, que nela adentram
pelos ígneos portais dos
cinco sentidos, e pelo altar
dos humanos desejos que,
por fim, se interagem em
altas temperaturas e forjam
o nefasto desatino.

Tão nefasto que pode antecipar
a explosão do frágil recipiente,
num suicídio inconsciente,
culposo.

A ansiedade queima etapas
e adianta processos a fórceps,
queima, dói e destrói...

Tão somente a busca
da espiritualidade é capaz
de minimizar seus efeitos,
causar o seu arrefecimento e
fazer com que a alma atinja,
aqui na Terra, o suficiente
equilíbrio, o seu quase nirvana.

Vidas.

Eu te conheci
Nas medievais vielas de Madri,
Em subterrâneas tabernas,
De tantos cálices de vinhos,
Por ti erguidos,
De lautas iguarias postas em rústicas mesas...
De tantas odes...
E nem espada eu portava...

Pergaminhos no alforje,
Averso às touradas,
Admirador do teu flamenco, .
Menestrel de autorais trovas
A exaltar os teus encantos.

Fui alma agitada, mas alma de paz...
Suportei almas traiçoeiras,
Convivi com seres, como eu,
Ao relento e ao hedonismo entregues.
Bebi com piratas, pilantras, padres e prostitutas...
Bebi com os nobres e aventureiros
E com os quais, funcionalmente,
Tive que te ver se ir...
E ouvir, tantas vezes,
O silenciar de tuas castanholas...

Eu te conheci
Atentamente a olhar-me,
A ouvir os meus nada
Parnasianos versos.
De ti ouvi loas...
Tantas e apaixonadas loas!
Inspirado eu escrevia
E em irretocáveis performances
Eu salpicava de versos os noturnos saraus,
Em castelos, praças públicas, becos e arenas...

Eu te conheci
Em plena idade das trevas,
Ali, eu egoisticamente te desejei
Mas, assim, não te tive...
Hoje raiamos no esplendor
De nova e regeneradora era
E os meus versos ainda pulsam,
No entanto, pasmem todas as deidades!
Mais uma vez não a tenho...

Recuos.

Porque ir tão longe e retroceder?
O ouro está ali na outra ponta...
Porque, agora, tão perto esmorecer,
Se já caminhamos até demais da conta?

Porque desperdiçar tantos momentos?
Logo ali estaria o pote de felicidade...
Porque transformar alegria em lamentos,
Se o retrair é ato adstrito à indignidade?

Porque exterminar os sonhos tão lindos,
Se ignorar ou fugir da verdade machuca?
Porque investir nos umbrais de tristezas infindos,
Se podemos evitar essas coisas malucas?

Porque optar por um mar de tormentos,
Que chacoalha a tua já cansada nau?
Porque apostar em tantos sofrimentos,
Se aniquilar os sonhos, irá ferir-te o real?

Porque o acomodar?
Em tudo haverá obstáculos, ..
Se houver muito o que pegar,
Não te faltarão os tentáculos.
O recuar simples e oportuno
É uma nada digna escolha,
É como aventurar nos turnos
Envolto numa densa bolha!
Egoísmo explícito e imenso,
De forma alguma aceitável,
Que torna tudo tão propenso
A um caminho triste e inevitável,
A um fim de úmidos lenços,
Mas tão facilmente explicável!

À primeira vista

Bastou um olhar,
Para o céu pujante se abrir...
Para a vida de enfado cessar...
Para o jardim do amor reflorir...
Para a flor do amor aflorar.

Bastou um olhar,
Para as tardes douradas surgirem...
Para o mar revoltoso acalmar...
Para os anjos louvores pedirem...
Para o sino em melodias dobrar.

Bastou um olhar,
Para os pássaros felizes voarem...
Para o amor bruscamente ocorrer...
Para as duas almas sonharem...
Para em sonho o amor renascer.

Bastou um olhar,
Para as noites tornarem-se festa...
Para a lua vestir fantasia...
Para alvorecer em seresta...
Para o mundo ser pura alegria!

Bastou um olhar...
E um dia...
Faltou esse olhar...

Angustura.

Embrenhei-me em tuas galerias,
Em tuas veias, em tuas vias.
E em teus espaços me perdia,
Entre as vitrines que exibias
Tanta ilusão - mercadorias,
De pisca-piscas a fantasias,
Que por fim eu já nem sabia,
Que meu coração se entreteria
Com manequins, bijuterias...
Só para mim nada vendias
O que cegamente eu consumia,
Sem nenhuma garantia...

Pelas tuas galerias,
Muito quentes, nada frias,
Cravei minhas utopias.
Foram tantas as travessias!
E mesmo assim sempre eu tremia,
Quando nelas eu me via,
Esbanjando alegria.
E sentir o que eu sentia,
Sem ali raiar o dia...

Foste-me cortesã e cortesia,
Desfrutei de regalias,
Fui teu passante em romaria.
Eu beirei a heresia,
Na mais longa galeria,
Fui o teu pedinte todo dia
E me atiraste em carestia...
Recorri às alquimias
Fiz ruir tuas magias
Desfiz o mal que em mim ardia
Quem diria que eu podia?
Ó angústia! Quem diria?

Filhos.

Como é bom ver um filho crescendo,
Evoluindo, driblando o ruim desse mundo!
Como é bom ver um filho vencendo
E pisando caminhos corretos e fecundos.

Como é bom podermos deitar e agradecer,
Por colhermos frutos tão maravilhosos!
Como é bom olhar para o céu e dizer:
- Que abençoados filhos, somos pais vitoriosos!

Filhos, o verdadeiro e único tesouro na Terra,
A nós pais entregues e muito recomendados,
Portanto, neles todo o nosso amor se encerra,
O que com eles fizemos, assim nos será cobrado.

Os filhos se espelham a todo o tempo nos pais,
E, como navios, precisam de um porto seguro ,
Da boa acolhida e da segurança de um cais
E também de um farol que os iluminem no escuro.

Filhos são diamantes brutos,
Que só se lapida com esmero e muito amor,
Como disse filhos são frutos,
São bênçãos a nós confiados pelo Criador.

Mas o melhor é vê-los tudo superando com os valores que lhes passamos .
Muito melhor ainda é vê-los voltando para nós e lá da velha varanda ouvi-los,
sempre eufóricos, chegando pela saudosa e ruidosa porteira, que parece se
escancarar ao avistá-los ao longe.

-Eita molenga de porteira besta!!! Só falta chorar...

Coerência.

Um joio, lançado ao meio de uma plantação de trigo, jamais será trigo. O trigo, por sua vez, jamais converterá o joio, mas o joio contamina e prejudica o cultivo do trigo, portanto, preste a atenção no que você planta, no que você professa, o que você incentiva...

Instâncias...

O que fazes hoje te será saudades ou arrependimento amanhã. Até o que motivou o teu arrependimento, pode sim ser-te motivo de saudades, pois a princípio, houve o teu dolo, e em dado momento, certamente foi bom.

A tua sentença não será definitiva, fundamentada nos mundanos imperativos, são eles apenas a primeira instância.

Atente-te para a tua consciência, a segunda instância! Que ela te absolva pelo princípio da tua autenticidade e insubmissão às formalidades e ritos, que não te condenem a dor.

Por fim, prepara-te! A última instância transcende e não és capaz da exegese de seus preceitos, por isso necessitas daquele Defensor, que prometeu jamais abandonar a tua causa e garantir-te os necessários recomeços.

Assim seja!

Fashion.

Ah, a simplicidade...
Carregas contigo peso medonho,
Mas é lindo demais vivê-la ...
Ah, a simplicidade...
Tem um azul que eu tanto amo e sonho,
O nobre azul das estrelas...
Ah, a simplicidade...
Onde tudo é tão saboroso e quentinho,
O melhor e luxuoso aconchego...
Ah, a simplicidade...
Onde o barraco de papelão é ninho,
É paz, felicidade e sossego...
Ah, a simplicidade...
Meus pais, meus amores, minha vida,
Meus pretensos madrigais...
Ah, a simplicidade...
Que importa o cheiro de inseticida,
Se eu durmo tranquilo e em paz...?
Ah, a simplicidade...
São poucos os que a admiram e vestem,
Simplesmente ficam despídos...
Ah, a simplicidade...
Felizes os que usam, remendam e tecem
Teus estampados vestidos...

Desengano.

Não compare o teu dito amor
Que ante a qualquer dor
Não suporta e se manda,
Com esse Amor que transcende
Que aos céus fiel se ascende
Varrendo.nos as demandas.

Não justifique a tua fraqueza,
Na verdade e na beleza,
Das palavras sagradas.
Não as use futilmente,
Enganando a tua mente,
Usando-as no que te agrada .

Quando o assunto é o amor
Será espinho ou flor
Ou ambos em tua vida
Jamais bata em retirada
Tornando a pessoa amada
Uma alma penada, ferida!

Qual alma não se revolta
Com quem a prende e a solta
De forma tão grotesca?
Com quem a tem em segredo,
Numa espécie de degredo,
Em carências tão dantesca?

O errar será sempre humano
O não perdoar, mais ainda
O amor aqui é profano
Aqui se ele dói, ele finda
Mas deixa nas almas a marca
Um vazio imenso, insano
E a alma constricta embarca
Em busca do seu desengano.

A parca razão : jazigo precoce.

Se for para ter razão,
Para que arrancar uma flor e oferecê-la ao seu amor?
Se for para ter razão,
Para que dar ao seu filho o que você não teve?
Se for para ter razão,
Para que sonhar com finais felizes ?
Se for para ter razão,
Para que escalar uma montanha ?
Se for para ter razão,
Para que ter e seguir o seus desejos?
Se for para ter razão,
Para que largar o teu berço ?
Se for para ter razão,
Como embrenhar e embriagar-se na felicidade?
Se for para ter razão
Para que as paixões, os carnavais?
Se for para ter razão
Para que então perdoar?
Se for para ter razão
Para que acreditar num Deus que não vemos?
Se for só para ter razão, meu irmão ,
Nem acorde.

Em busca do autêntico portal.

“Nas experiências das derrotas é que estancamos as vulnerabilidades e, enfim, nos estruturamos, estrategicamente, para a sempre desejada conquista.”

A vida é uma estrada que nós mesmos construímos e nela vagamos, entre os erros e acertos. Pelo projeto e pelo Arquiteto, sabe-se tratar-se de uma jornada eterna. Cheia de descaminhos e desencantos, mas, sem deixar de ser extasiante. Não podemos parar e, enquanto caminhamos, criamos o nossos próprios inferno ou os nossos próprios céus. O que deveríamos evitar é sermos o inferno dos outros.

Na vida há engodos que nos levam às redes e teias e nelas nos debatemos ao extremo, às vezes escapamos, noutras seremos imolados na mesa do Mal.

É tudo como um jogo, onde na derrota, identificamos a nossa fraqueza e nos preparamos os próximos embates, mas somos nós quem jogamos e o melhor é pedir ajuda a Deus, sem no entanto achar que Ele jogará por nós, na verdade Ele coloca as melhores cartas em nossas mãos, isso é o livre arbítrio, portanto, jamais devemos esquecer disso, pois nos faltam fundamentos, para culpá-Lo por nossas prováveis perdas.

O horizonte, outro engodo, por mais que andemos, enquanto matéria, sequer iremos alcançá-lo, muito menos ultrapassá-lo. É o horizonte, o suposto encontro da Terra com o céu e o mar. Na tentativa de galgá-lo, o homem se perde, se cansa e tardiamente, descobre que foram apenas sereias a cantar, nos encantar e nos enganar.

Assim também funcionam os nossos sentimentos, quando os submetemos aos nossos instintos, o maior e mais eficiente dos engodos, tutor da ilusão, mas, tamanha voracidade os ignora.

Nossos instintos são realmente animais, ou nos salvam, ou nos conduzem, ilusoriamente, aos alçapões, aos arpões ou às arapucas.

Então, não se pode sonhar? Claro que podemos, afinal foi nos dado o livre arbítrio, no entanto, sonhos são cartas em que apostamos tudo e não sabemos o que tem na mão do outro...

Altivez.

“A imodesta intelectualidade é como tubarões e seus parasitas, os incontestes senhores dos mares e a soberba são-lhes as rêmoras.”

Consciência.

“Os torturantes porões da mente humana, paradoxalmente, são construídos e delimitados na sua plena liberdade.”

Constatação.

“As mentiras mais contundentes e decepcionantes advêm dos ritos de inconsistentes juras e efusivas promessas.”

Subversivos ideários.

“Não há como erradicar os piolhos, sem esmagar entre as unhas, lêmdea a lêmdea. Se a metamorfose ocorre, a intervenção há que ser mais traumática. Os piolhos se proliferam e agem no desmazelo e enquanto têm o que sugar.”

Eternidade.

“O mar confina a nau e margeia a terra,
a terra é margem do homem e do mar
e o céu a todos se faz firmamento.
Em terra aventura a inconstante
e imprecisa alma humana,
limitada a espaços e tempos e, portanto,
“é preciso navegar, navegar é preciso”.
Já ao Espírito, a transcendência é Lei.”

A finitude.

E lá se foram os tempos,
Quando os sonhos,
Eram tidos acordado.
Lá se foram os tempos
Encantados,
Lá ficaram os amores...
Lá se foram os tempos
De dar flores
Um tempo no passado
Num presente
De dar dores...
Lá se foram os tempos
Cartilha de fábulas
Por nós colorida
Foram-se os lindos momentos
Intensos sentimentos
A regerem nossas vidas...
Lá se foram os tempos
De tardes ensolaradas
Poeira, estradas de chão
Lá ficou o bucolismo
E também todo lirismo
Numa espécie de canção...
Lá se foram os tempos
De tanto amor!
Lá se foram os tempos
De corações crianças
De tão doces lembranças
Era tudo esplendor...
Lá se foram os tempos
De quase eternidade
Os dias flamejavam
Os corpos se entregavam
Em louvores ao amor...
Lá se foram os tempos
De tanta cumplicidade
Que a natureza aplaudia
Entusiasmada sorria
Nem deixava o sol se pôr
Foram tempos de alegria
O amor ali ardia
E a gente se perdia

Em rotas de felicidades
Como sempre houve um dia
Dos que a gente repudia
O momento da verdade...
Que a levou com maestria
À nefasta covardia
E tudo hoje é tão saudade..!

Provações.

“Deus só entrega severas batalhas a soldados que Ele mesmo capacita. Aos vencedores a vitória, aos derrotados, o aprendizado, aos que se acovardam, a auto-aceitação.”

Espontaneidade.

Não há aplausos mais sinceros que aqueles que emergem dos corações e se materializam, nas intensas e verdadeiras palmas dos amigos.

Assim é paixão.

Você é dos sonhos o sepulcro,
Da indiferença o reduto,
Da frieza o homizio.
Você é da alegria o epílogo
Do livre arbítrio o decálogo
De toda desgraça o indício

Você se apossa de tolos
Pelos glacês dos bolos
Nos degelos dos polos
No desconforto dos colos
No puro oportunismo.
É o histérico solo
Da vontade puro dolo
Mãe solteira do egoísmo.

Você é da loucura o modelo
Do improvável o apelo
Do amor o verdugo
O distorcer, o enrugo
Do faminto o sabugo
Na turba o atropelo.

Você é o mal sinalizado
Pelos recantos viralizado
Sentimento doentio
Você é querer desnaturado
De vazios saturados
Quais feras que agem no cio.

Metáfora.

“Para enxergar longe bastam-me meus olhos, aos ardis, nem meus bifocais.”

No Brasil:

Princípio da aparência.

“Aos ricos todos os direitos
que o seu dinheiro alcança e compra,
aos pobres também.”

Assim vão-se os amores...

Um céu nevoento, sedento de bonança,
um céu gestante a parir tempestade,
Um céu cinzento de triste lembrança
fez ventos uivarem por toda cidade.
Um dia tão triste por lágrimas lavado
e um dedo em riste a tudo apontar,
e a incúria persiste, num mundo incauto,
que a tudo insiste de ausência infestar.
Assim, alternam-se noites e dias, madrugadas
insones, vazias e frias
Se sal no fogo fosse jogado, essa tempestade
não precipitaria.

A perversão ideológica.

Ser de esquerda é crer e professar o que deveria ser (utopia), é se julgar capaz de transcender ao que ora é. Ser de esquerda é entender que, ao não se investir no que deveria ser, jamais será alcançado o paraíso de seus ideais.

Emerge-se então, a direita, quando impera o fanatismo e quando usam, maquiavelicamente, espúrios meios (corrupção e manuseio de massas de inocentes e carentes), para a consecução de tão quiméricos fins!

Relatam recentes papiros que se caso não for encontrado neste país setenta vezes sete incorruptíveis, Poseidon soltará Kraken em pleno planalto central do Brasil, e lá do seu trono ouvir-se-á em bom tom:

Esquerda! Direita!

Mas levemente irão o ignorar. Então Poseidon resoluto irá esbravejar:

-Volver!

Aí, meus irmãos nas dissensões, só Perseu na fita!!

Segui os trilhos. Orai, vigiai e agi.

Constatação.

“As inebriantes cores que fulguram no estojo dos sonhos, não são capazes de matizar as existências pela realidade embevecidas.”

Exegese.

O “tudo contra” remete o tolo ao “nada a favor” e os iluminados ao templo do perseverar.

Azimuth.

"Na rosa dos ventos faça das impugnantes vaias azimuth, pois somente elas o impulsionam aos sinceros aplausos."

Questões de fé.

"Até quando, Senhor, nos serão inefáveis os vossos mistérios?

Até quando seremos obstados de tomarmos assento do Teu destro lado?

Até quando não seremos capazes de contemplar-Te?

Tenho comigo, Senhor, que será até quando não atentarmos para os ensinamentos de como verdadeiramente Te amar..."

Aflicção.

O tempo psicológico, incontrolável...

O tempo de Deus, imensurável...

O tempo do coração, maleável...

O tempo de Cronos, implacável...

O tempo do Espírito, infindável...

Conclusão:

A César o que é de César

A Deus o que é de Deus

E ao tempo o que é do tempo,

Em tempo!

#Genésico 1.

"...E Deus nos fotografou com sua Rolleiflex modelo TLR... e nos revelou... depois a tudo editou em seriadas fotonovelas... Hoje estamos em movimento..."

Ódio: o revés do amor.

“O ódio é o amor
pelo ciúme envenenado,
de verdades desprovido,
de insegurança alimentado.
O ódio é um imenso amor
muito mal nutrido...
E o resultado de um jogo
muito mal jogado...”

Evolução II.

"Quando o teu entendimento for capaz de mensurar a força de teus instintos e a nobreza dos teus bons sentimentos, quando fores capaz de domar o primeiro e fizeres o segundo prevalecer, quando o teu melhor emergir nos enlaces dos teus espinheiros, estarás em pleno adiantamento e as bestas em ti se desintegrarão."

Fim.